

XXI CONCURSO DE ORATÓRIA NO CURSO DE DIREITO DA UNOESC XANXERÊ:
UMA CONTRIBUIÇÃO À FLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO ORAL EM PÚBLICO

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

Bruna Lucas

Rosane Narciso Nunes

RESUMO

O Concurso de Oratória é realizado desde 2006 no curso de Direito da Unoesc Xanxerê. Já são 21 edições. Após evento preliminar, os finalistas passam por banca avaliadora. Em cada edição, houve a contribuição de dirigentes da Unoesc, Coordenadores do Curso de Direito, Presidentes da OAB - Subseção de Xanxerê, Assessores de Comunicação e Marketing da Unoesc, Comunicador Jorge Luiz Barfknecht e Professores do curso de Direito da Unoesc Xanxerê. A plateia é formada por acadêmicos, familiares e amigos dos oradores e os discursos abordam temas com ênfase na área jurídica. Superar o medo de falar - e de falhar - em público é desafiante. Parabéns aos oradores de todas as edições! O Concurso se traduz em aprendizado cultural e científico. A seguir, textos dos discursos de oradores da XXI edição.

A Lei Maria da Penha

Autora: Bruna Lucas

“Nenhuma mulher mais, independente da cor, ficará calada enquanto houver outras violentadas. Violeta é a cor que marca a luta de resistência ao roxo que você deixou.”

Nívea Sabino

Submissão e inferioridade foram características presentes na mulher em relação aos homens no decorrer da história. O machismo e a misoginia prevalecem em nossa sociedade, porém há aqueles que digam que, o simples fato de lembrar sobre eles, seja o motivo para continuarem tão fortes. Vale Recordar quantas vidas foram perdidas em nome da superioridade masculina.

Durante anos a mulher foi criada apenas para ser mãe, dona de casa e esposa. Mesmo na atualidade, essa ideia ainda é cultivada mostrando-nos que nossa cultura, música e sociedade são machistas. A sociedade é machista quando a filha precisa lavar a louça enquanto o filho joga bola! É machista quando a mãe chega em casa, cansada de um dia de trabalho, arruma a casa e cuida dos filhos, enquanto o pai descansa no sofá! É machista, quando o salário da mulher é inferior ao do homem...

Crescemos escutando todos romantizar a gravidez, crescemos destinadas a sermos mães e donas de casa. Até hoje eu escuto: “- Ela cuida das crianças à noite para o marido descansar, trabalhou o dia todo, coitado está cansado.” Na cabeça das pessoas o cansado é o marido. Esse é o resultado de gerações tachando a mulher como a responsável de cuidar da casa e dos filhos; isso é o machismo escancarado.

Nós mulheres buscamos todos os dias espaço na sociedade, buscamos igualdade de forma justa, igualdade de chegar em casa e ter o direito de descansar. Igualdade de dividir em partes iguais as tarefas diárias e as responsabilidades com os filhos. Não é justo apenas a mulher arcar com

todas as responsabilidades. Vejo tanta comoção quando o pai leva o filho ao médico, e as mulheres fazem isso todos os dias... Vejo mães que fazem papel de pai e não levam o mesmo mérito de quando o pai faz o seu dever de pai. A mulher é criticada por ser mãe solteira, mas não criticam o donzelo que paga duzentos reais de pensão e acha que está cumprindo seu dever; avançando um pouco mais, alguns ainda têm coragem de dizer que sustentam a mãe da criança. Na verdade, ele não paga nem a comida que o filho consome no mês; mas ele é o paizão.

Conheço várias mães que se desdobram em mil, para dar conta de tudo. O salário é baixo e injusto, há lugares que não oferecem creche gratuita, e como fazer com os filhos? Pagar uma babá, que muitas vezes custa mais da metade do salário do mês, mesmo assim elas dão conta. As mães são mães 24 horas por dia, sete dias na semana por 365 dias no ano. Em alguns casos, o pai é pai de quinze em quinze dias, por um final de semana. Ela é brutalmente criticada quando resolve sair um dia, encontrar as amigas, mesmo todos sabendo que os filhos estão com o pai. A sociedade pune de forma cruel a mulher, mas considera normal se as mesmas ações forem de um homem.

É machista, quando a mulher é responsabilizada indiretamente pelo estupro sofrido. É comum em um caso de estupro você ouvir das pessoas: "mas olha a roupa que ela estava usando" ou "se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros". Pasmem, mas essa é a realidade que nós mulheres vivemos todos os dias, e não, não são apenas casos isolados, e sim centenas e centenas, senão milhares. As pessoas buscam justificar os atos dos agressores, culpando a vítima. E assim também ocorre dentro do lar, lugar onde a mulher sofre a pior de todas as violências. A pessoa que deveria protegê-la, é a primeira a violentar. O machismo está tão enraizado em nossa sociedade que a mulher não se dá conta que está em um relacionamento abusivo. Ela só percebe quando é violentada, muitas perdem a vida ou ficam com sequelas, assim como aconteceu com a Maria da Penha, foram anos de violência, até ficar paraplégica.

No ano de 1983, Maria sofreu uma dupla tentativa de feminicídio. Marco Antônio deu um tiro em suas costas enquanto ela dormia. O resultado foi a dilaceração da terceira e quarta vértebra, condenando Maria da Penha à cadeira de rodas. Marco Antônio foi condenado após dezenove anos da agressão, porém, cumpriu dois anos da pena. Maria continuou na luta em favor dos direitos e proteção das mulheres. Ela contribuiu grandemente para a criação da Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, que foi batizada com o seu nome, reconhecendo sua luta em prol dos direitos das mulheres. A lei busca coibir, prevenir e erradicar a violência doméstica e familiar contra mulher, seja ela física, moral, sexual ou psicológica, defendendo e preservando vidas. A violência doméstica perpassa as classes sociais, etnias, escolaridades e culturas. A lei contribuiu com a autonomia das mulheres e a esperança da mudança. Quantas Marias estão espalhadas pelo Brasil? Quantos crimes de feminicídios são cometidos diariamente? Segundo a página "Você tem voz", do Governo Federal, 536 mulheres são vítimas de agressão física a cada hora, 66% sofreram algum tipo de assédio no último ano, 70% das agressões contra a mulher ocorrem dentro de casa e 65% dos agressores são os próprios parceiros ou ex.

A luta da mulher é constante, cheia de barreiras que derrubamos dia após dia, mas é necessário que toda a sociedade lute conosco. Devemos aplicar uma educação que conscientize nossas crianças e nossos jovens, para criarmos cidadãos com uma nova ideia, sem discriminação e violência. Eu acredito na mudança, eu acredito que podemos muito, mas para isso acontecer precisamos nos unir, mantermo-nos forte. Foram anos de submissão, foram anos de luta e ainda temos muitas batalhas para vencer, não devemos nos calar. Não vamos mais aceitar toda a carga apenas para nós, e nunca mais deixaremos que digam como devemos seguir nossas vidas. Em uma sociedade machista, todo dia é dia de luta. O MACHISMO MATA! LUTE COMO UMA GAROTA, LUTE COMO UMA MARIA, PORQUE MULHER DEFENDE MULHER!

Referências:

Disponível em: <http://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em: 20 Nov. 2019.

Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/novembro/governo-lanca-campanha-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 7 Nov. 2019.

Violência contra a mulher

Autora: Rosane Narciso Nunes

O Brasil conquistou leis proclamadas dentre as melhores do mundo para a defesa das mulheres, mas, ao mesmo tempo, permanece recordista em índices de violência. Apesar dos esforços e de maior conscientização da sociedade, a violência se mantém estável e crônica.

Por meio de dados de um levantamento do Datafolha, feito em fevereiro de 2019, e encomendado pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil, considerando que nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio dentro de casa. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda.

A violência tem vitimado mulheres pelas mãos de agressores conhecidos, iniciando-se na juventude e agravando-se na fase adulta. O autor da violência contra a mulher é normalmente alguém próximo da vítima: 76,4% dos agressores são conhecidos, sendo 39% parceiros e ex-parceiros e 14,6% parentes. Esses dados nos revelam a forma como a violência se estabelece já na juventude e pode se agravar ao longo do tempo, especialmente quando a vítima não rompe a relação abusiva.

Leis são importantes instrumentos para prevenção, conscientização e repressão, mas devem ser implementadas para que tenham efetividade. Enfrentar a violência contra a mulher exige romper muitas barreiras, que se estendem desde os “pré-conceitos” e machismos naturalizados até os fatores que mantêm as mulheres em silêncio como temor, vergonha, crença na mudança do parceiro e revitimização por parte de autoridades e da sociedade.

A violência que atinge praticamente 1/3 da população feminina é relativa. A mulher no Brasil vive em constante situação de risco e mulheres pretas e pardas são mais vitimadas do que as brancas; as jovens, mais do que as mais velhas. O racismo e suas consequências agravam o risco de lesão e morte para mulheres pretas e pardas.

Para prevenir a violência é necessário haver conscientização e a conscientização segue diretamente relacionada à informação. Embora a violência ocorra em todas as classes sociais, quanto mais educação formal, menos violência. Um reflexo disso é o reconhecimento das violências tidas por “invisíveis”. Para mudar a realidade é preciso informar, acolher e acreditar, pois a proteção da mulher é o principal remédio para a doença que assola nosso país.

Assim remeto a uma frase que lembra o que almejamos viver: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”. (Autor Desconhecido).

Imagens relacionadas

Banca avaliadora e oradores participantes do XXI Concurso de Oratória do curso de Direito da Unoesc Xanxerê.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação e Marketing da Unoesc Xanxerê.

Classificada em 2º lugar – Bruna Lucas, com a Profª Fernanda Oliveira, Presidente da OAB - subseção de Xanxerê e Coordenadora do curso de Direito da Unoesc Xanxerê.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação e Marketing da Unoesc Xanxerê.

Plateia formada por familiares e amigos dos oradores, além de acadêmicos de Direito.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação e Marketing da Unoesc Xanxerê.

Profª Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, mentora e organizadora das 21 edições do Concurso de Oratória do curso de Direito da Unoesc Xanxerê.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação e Marketing da Unoesc Xanxerê.

Comunicador Jorge Luiz Barfknecht, falando à plateia do XXI Concurso de Oratória.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação e Marketing da Unoesc Xanxerê.



Fonte: